

## **O BIG BROTHER BRASIL E O SEXO DOS ANJOS**

(2008)

**Valdeci Gonçalves da Silva**

Psicólogo. Professor Titular de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Especialista em Metodologia do Ensino de 3o grau. Mestre em Sociologia da Sexualidade

**Contactos:**

[valdecipsi@hotmail.com](mailto:valdecipsi@hotmail.com)

---

### **RESUMO**

O presente artigo faz uma análise crítica do programa *Big Brother* Brasil, na qual procura mostrar como o comportamento sexual dos confinados na “casa” não corresponde à realidade vivenciada pelo povo brasileiro, no que consiste numa hipocrisia. Aponta também a rejeição do público, em relação aos participantes que se mostram com algum nível de sinceridade, como sendo uma dificuldade de lidar com os fatos da realidade a favor da ficção. Caracteriza o programa como mais um voltado apenas para o entretenimento sem preocupação com a cultura e a educação. Mesmo assim, considera que, *reality show* dessa natureza pode servir para algumas reflexões por refletir, de algum modo, as características nativas, e, de alguma forma não deixa de ser um laboratório social e humano.

**Palavras-chave:** *big brother*, *reality show*, sexualidade, hipocrisia, paredão

---

### **INTRODUÇÃO**

“O espetáculo é um arremedo de realidade, mas de tal forma convincente que a realidade tem que rivalizar com ele se quiser ser reconhecido como tal – realidade” (BAUMAN, 2000, p. 74).

O *Big Brother* Brasil nem se quer trocou a expressão em inglês, dessa idéia que nasceu na Holanda, em 1999, por meio dos sócios produtores de TV Joop Van Den Ende e John De Mol<sup>1</sup> -

daí a empresa Endemol que retém os direitos autorais -, inspirados no projeto americano Biosfera 2 (uma abortada tentativa de reproduzir uma miniatura do planeta terra), e que vários países compraram. Os vizinhos argentinos chamaram os habitantes da sua “casa”, mais modesta do que a carioca, de *Los Hermanos*. Mas, como seria um título em português: Os Anjinhos do Pau Oco? Os Hipócritas? Os Mascarados? Porém, a desvalorização da língua mater é apenas mais um dos inúmeros itens, nesse universo de contradições.

Toda situação de laboratório é arterial, mas, quando científico deve ter o rigor no controle das suas variáveis para evitar, ao máximo, interferência nos seus resultados. Ou seja, se busca a utópica e perseguida neutralidade dita axiológica. O *Big Brother* não deixa de ser um laboratório humano, porém triplamente artificial pela própria condição de laboratório; pelos participantes, enquanto “objetos”, que passam por um processo seletivo cujos critérios estão de acordo com a conveniência do que a emissora julga necessário para o momento; e, durante o tempo de confinamento no programa, esses indivíduos são manipulados com a finalidade de atingir um objetivo pré-estabelecido: alcançar os mais elevados índices de audiência que, por sua vez, é traduzida em lucros para fazer valer o investimento. Porém, a parcialidade não é total porque tem a interatividade do telespectador. Este e outros aspectos da dinâmica e interações engendradas por esse jogo serão discutidos ao longo deste texto.

### **A Audiência e o Culto ao Corpo em Detrimento da Consciência**

Segundo Bauman (2000, p.110), “a TV é guiada por índices de audiência e velocidade, mas a rapidez e a audiência de massa são inimigas do pensamento”. Esta afirmativa vem a calhar com as variadas formas de entretenimento da televisão, inclusive o *Big Brother* Brasil. O que faz eco no indivíduo pós-moderno que não é uma pessoa consciente, livre e autônoma, mas uma existência anônima (DUARTE, 2004). Em razão disto, há uma necessidade de reconhecimento, cuja ausência (HEIDEGGER apud OLIVEIRA, 2006), seria equivalente à morte. Ou seja, “a invisibilidade é insuportável, quiçá pior, porque é um existir sem ser visto” (OLIVEIRA, 2006, p.19). Assim, chega-se quase ao desespero para aparecer diante das câmeras, uma vez que, como diz Berkeley (apud BAUMAN, 2000, p.110), “ser é ser visto na TV”.

Para alimentar a ilusão, e atizar a curiosidade, a inscrição do BBB é aberta ao público em geral, mas os escolhidos, quase sempre, já têm, pelos menos, “a pontinha do pé” no meio artístico, e espera-se que em cada edição surta alguma revelação. O *Big* seria a ante-sala ou uma espécie de estufa para adubar possíveis brotos de talentos, mas que raramente vingam. Afinal, se investe nas “cascas” vistosas e não na qualidade das “sementes”. Os participantes querem a chance da visibilidade, mas para mostrarem o quê? Interessante é que muitas das marmotas que ficam fora do páreo “seletivo” parecem mais engraçadas do que umas contempladas. Entre rostos e corpos que não dizem nada, preferível alguma verve para o escracho. Estes, porém, de alguma

forma, também têm sua vez. Para deleite do público são incluídas em outros programas do próprio canal ou segmentos fechados da emissora, etc. Logo, se os excluídos não vivenciam uma apoteose ou overdose de exposição, no entanto, alguns terminam confirmando a profecia do americano Andy Warhol, dos quinze minutos de fama.

A maioria dos *Brothers* tem apenas o corpo escultural que aperfeiçoa ainda mais na infinita ociosidade na “casa”. Com tantas caras de pau para não demonstrar jeito nem para figuração, em vista disto, independente de qualquer outro ganho, esta exposição, por si só já se constitui um prêmio. Decerto, são celebridades nacionais instantâneas, e que vão perdurar enquanto famosos nas suas localidades de origem. Como diz Boorstin (apud BAUMAN, 2007, p.68), “celebridade é alguém conhecido por sua característica de ser bem conhecido”.

Numa das edições passadas estenderam a chance de duas vagas para quem quisesse ariscar a sorte pelo telefone. Uma sortuda além de fugir totalmente do padrão da “casa”: jovem, bonita, sarada, glúteos arrebitados, seios turbinados, passou mal e teve de ser substituída por outra sorteada, também, via Graham Bell, por coincidência um pouco melhorada. Considerando que a sorte, às vezes distraída, sorri para feio/a, velho/a, gordo/a ou obeso/a, etc. Esta inovação foi fiasco porque não tinham o menor controle de quais tipos de figuras entrariam na “casa” fossem “monstros” ou beldades. Para evitar o choque do real com a “nave” platinada, a entrada de possíveis moradores indesejáveis, gente simples sem currículo de academia ou de salas de cirurgia, foi brecada. Uma vez que, lá dentro não poderia ser desapropriada, essa segunda porta de acesso aos demais *reality shows* foi, definitivamente, bloqueada.

Toda casa, por mais simples que seja, tem uma estante com meia dúzia de livros, ou, um cesto num canto com algumas revistas. Na verdade, a “casa” *Big* é uma forjada academia de ginástica, sem nenhum estímulo à leitura. Mas, também não é de se estranhar, pois, até mesmo em programa infantil, quando esse instrumento do saber aparece, é desviado da sua função, a exemplo da Xuxa Meneghel que se apresenta sentada numa pilha de livro virtual. Na estilizada casa/academia há espelhos espalhados por todos os cômodos, o que permite que seus moradores sejam, é claro, observados as vinte quatro horas do dia. Mas isto também atende a uma outra necessidade, a de que os *brothers* se exibam e se excitem com a própria imagem neste templo de culto ao físico. Ou seja, “a tela da televisão se tornou hoje uma espécie de espelho de Narciso, um lugar de exibição narcísica” (BOURDIEU, 1997, p.17), o protótipo da “era do vazio” (LIPOVETSKY, 2005). Muitos não desfilam neste espaço sem que não façam, diuturnamente, a sua “oração”, isto é, que não deixem de dá uma ajeitada no visual ou conferida de que todos os milímetros estão no lugar.

Para fazerem jus ao justo princípio bíblico de ganhar o sustento com o suor dos próprios rostos lindos e corpos maravilhosos, os moradores são obrigados a batalhar pela comida. Não podia ser de outra forma que não do seu exaltado potencial: o físico. Esta batalha, geralmente se dá em atividades, as quais instigam correr e escorregar em alguma substância colorida, viscosa que possa precipitar algum lance de partes mais íntimas, e para que, depois de bem untados,

ressaltem as formas. Mas há também momentos perversos, por vezes, a “feira” não é suficiente ou é apenas básica. Assim, ao passo que um grupo, em virtude da sorte ou esforço de ter ganhado extra em alguma competição, saboreia delícias que chegam de fora, e o outro grupo fica humilhado diante dessa visão de fartura do bem bom. Mas, nunca a tal ponto de que não tenha o que comer como é, ainda, a realidade de boa parte da base piramidal da sociedade brasileira.

As provas para líder, salvo engano, são de resistência, e as de anjo são por sorteio ou outra qualquer atividade, mas ambos, geralmente, de tão criativas deixam qualquer criança jardim de infância *blasé*. Quando tentam passar alguma mensagem, esparramam no alvo. Neste BBB-8 dois confinados travestidos de mosquitos da dengue (*aedes aegypti*), tinham a tarefa de retirar água das garrafas, pneus e colocar areia nas plantinhas, enquanto isto os demais moradores da “casa”, sem fazerem nada, ficavam às gargalhadas. Quando é que mosquito destrói as condições ideias para sua proliferação, contribuindo, assim, para o seu próprio extermínio? Seriam mosquitos suicidas? Somente uma mente “brilhante” para concretizar a ideia de um desses desserviços.

Na citada edição, para assegurar audiência, a articulação se tornou ainda mais atuante do que nas anteriores. A implantação do *big-fone*, de voz planetária, soa a qualquer hora para dá uma boa notícia ou uma sentença de Paredão, não livrando nem quem o atende. Desse modo, tem-se agora um Paredão triplo com os habituais condenados indicados pelo líder e pela “casa”. Assim intensifica a tensão, uma vez que eliminação é o fator mais preocupante que preenche de alarido aquele cenário. O Anjo também mudou, não é mais somente o mensageiro da paz e do amor, adquiriu feições humanas: pode enviar um *brother* para o paraíso e outro para o inferno. Flaubert (apud BOURDIEU, 1996), deve ser avisado, “anjo” só não “fica bem em amor e em literatura”, mas em *Big Brother* também. Enfim, a produção está com mais poder para aditivar a audiência.

### **Os afetos e a Falsa Moral Sexual no Confinamento**

Em relação aos afetos, a ala masculina sugere uma evolução, os homens se permitem aos abraços e beijos de cumprimentos, e, em quase todos os programas tem os que fazem pactos de fidelidade, parece que até de sangue já foi feito. Estabelecem vínculos instantâneos com promessa de uma amizade profunda e eterna, e se tratam melhor do que bons irmãos. Entre as mulheres, tidas como mais afetivas, embora se toquem e se abracem mais do que os homens, não celebram declarações de que sejam amigas para sempre. Por que os *brothers* fincam esses pactos carregados de tanta emoção? Talvez pelo fato de que os homens têm dificuldade de lidar com situações de vulnerabilidade, e por isto buscam apoio fraternal, paternal nos seus pares. Mas, não deixa de ser curioso esse intimismo e cumplicidade em exemplares de um país preconceituoso e tipicamente machista.

Neste laboratório, é interessante observar, como ou até quando os confinados mantêm a dignidade, a ética, a franqueza e a solidariedade. Os conchavos que fazem, e como estabelecem as afinidades. Já que à solidão do vazio é a sua constante, com todos ou boa parte dos integrantes presentes na “casa”, mesmo que tentem preencher com visitas celebres, festas, etc. As eliminações apenas concretizam ou deixam mais evidente o que já existe: o deserto humano. Embora já tenha tido finalista com conteúdo, mais isto faz parte da exceção à regra, o que predomina são os “vasilhames” para “ouro”, “prata” e “bronze”.

No dia a dia da “casa”, as paixões (amor, ódio, raiva) se dimensionam ou se potencializam, e chegam ao seu limiar de tolerância, de alterado estado emocional, nos dias que antecedem Confessionário e Paredão. Assim, uma boa dose de emoção real e muito de histerismo, para se mostrarem, é a tônica nas noites de paredão. Os sentimentos com a saída do parceiro/a são sempre ambivalentes: de um lado, a felicidade e o alívio por não ter estado no paredão ou por ter se livrado dele, e, de outro lado, o pesar pela morte simbólica do eliminado/a. Além da saudade remetida pela visão das famílias, amigos, etc., dos emparedados. Estes, em especial, regridem e, assim, choram compulsivamente o desespero de crianças perdidas quando reencontram seus pais.

O *Big* mobiliza emoções, e é curioso como sua característica de jogo é negada o tempo todo. Os integrantes sofrem por esquecerem que estão num divertimento no qual não investiram quase nada. Quer dizer, somente se perde o que se tem, mas eles entram nesse passatempo, praticamente, apenas com o corpo e a cara. Portanto, não há nada a perder além das expectativas, porque já devem se considerar vencedores pelo recorde das horas de fama, mesmo que, logo após, se transformem em “estrelas cadentes”. Afinal, “não há nada tão transitório como o entretenimento e a beleza física, e os ídolos que os simbolizam são igualmente efêmeros” (KLIMA apud BAUMAN, 2003, p.65).

Embora nem sempre traga visibilidade, os jogos de loteria, etc., com base em uma quantia irrisória, também visam o ganho fácil, mas ninguém condena. A diferença, é que os *brothers*, atrevidos, têm a ambição de ficarem ricos e famosos. A questão não é o *Big Brother* enquanto entretenimento, mas a pecha de usarem unicamente como passaporte o físico, em cabeças de maioria obtusa. Embora, para Freud (apud RORTY, 2007, p.77), “ninguém é inteiramente obtuso, pois não existe inconsciente obtuso”. Mas, num país tão carente de cultura o *Big* é mais um programa que, com tantos recursos investidos são consegue passar algo mais instrutivo.

As verborréias circulantes abundam o dia-a-dia na “casa”. Muitos dos confinados falam errado, são desprovidos de escolaridade elementar. A parte os momentos específicos de tensão, afetação e emoções, somente uma paciência de monge budista para ouvir tantas abobrinhas, falação<sup>2</sup> ou merda. Frankfurt (2005) questiona o falador de merda se, pela própria natureza, ele seria idiota desmiolado? Ou, seria seu produto necessariamente sujo ou grosseiro? Enfim, “a palavra *merda* com certeza sugere isso. O excremento não é de modo algum projetado ou elaborado; é apenas emitido ou descarregado” (FRANKFURT, 2005, p.27 - grifo do autor). Com exceção das famílias dos confinados, o que é perfeitamente justificável, fica difícil de entender

como alguém assina o *pay-per-view*? Ou seja, como um cidadão consegue suportá-los além do seu tempo estrito de exibição?

Como são notórias, as emoções no *Big Brother* são exacerbadas, porém o desejo sexual cada vez mais, a cada programa, é mais enfraquecido. Parece até que, em virtude do narcisismo se satisfazem plenamente com o prazer da própria imagem. As mulheres, apesar de exibidas e desinibidas, se mostram nesse quesito mais contidas, deixam transparecer que a falta de sexo não as deixam ansiosas. Isto é, reforçam a idéia de que homem não pode ficar sem sexo, coisa que elas tiram de letra, ou melhor, no samba, *rock*, *funk*, etc. No cerimonial hollywoodiano de estréia da “casa”, por várias vezes, as primeiras falações na mesa giram em torno das confissões das *sisters* terem ou não silicone nos seios. Esquisita esta necessidade de revelar esse detalhe, como se de tão embutido não fosse imperceptível a “olho nu”. Enfim, as mulheres reclamam quando são tratadas como objetos sexuais, mas não perdem a chance de colocar em avaliação os seus dotes sejam eles naturais ou adquiridos.

No *Big* atual, num rompante de “estrema criatividade” jamais visto, as garotas puseram espuma de barbear nos seios desnudos para encenaram uma coreografia insossa, com a intenção sensual de provocar os rapazes que estavam na piscina. Eles apenas olharam e se entre olharam meio marotos. Para que desperdiçar tal “dom artístico” se estão numa “casa” assexuada? Eles parecem cordiais demais, e não os legítimos latinos conhecidos por seu suposto aflorado apetite sexual. Se ocorresse uma transa, debaixo do edredom, é claro, que mal teria isto? Imoral é a corrupção, a fome, criança pedindo esmola, gente morrendo na guerra ou por bala perdida, etc., e não a manifestação do “amor” e/ou tesão. Não se trata, aqui, de algum desejo *voyeurista* de bacanal no *Big Brother*, o que se questiona é essa postura puritana que contradiz o vigente comportamento sexual descompromissado.

Hoje, garotas de treze, quatorze anos dormem com o namorado na casa dos próprios pais, e todo mundo sabe, se tornou uma praxe, em alguns casos, ninguém nem estranha se também houver rotatividade. Nas festas ou, como os paulistanos gostam de dizer com a boca “cheia de língua”: ba...la...das, os adolescentes beijam quem estiver a fim ou a quem tiver oportunidade. Fazem questão da quantidade para, depois, contabilizar o número de beijo. Certamente quem ostentar esse “troféu”, por questões óbvias, é a boca mais rica, ou seja, em média com “250 bactérias”(FRANÇA, 2001). Muitos jovens, mesmo com os desconhecidos/as destas noitadas, não apenas “ficam” nos beijos e amassos, mas vão até a via dita de fato.

No penúltimo programa uma participante, metida à ingênua, sempre encobria a boca com a mão quando beijava o namorado. Ou seja, no geral, nestes *reality shows* brasileiros, em termos de sexualidade é um convento, a libido parece sempre está enclausurada, cujas *sisters* são todas noviças comprometidas com Deus. No atual *big*, os *brothers*, mais “inocentes” do que bezerros desmamados, depois de tantas pelejam, quando conseguem um “beijo francês”, a torcida vibra em gol. Como se tivessem rompido os grilhões da castidade. Para Lukacs (2005, p.204), “a hipocrisia se evidencia na diferença entre o que as pessoas dizem e o que fazem, ou entre o que

pensam e o que dizem”. Porém, como toda esta pureza as moçoilas não deixam de dançar de modo provocativo. Aliás, depois da “boquinha da garrafa”, quase toda dança nativa mais do que sensual, passou a ser sexual, e coreógrafa movimentos de cópula das mais violentas.

A sexualidade nesse confinamento, ou melhor, a não existência da mesma, contradiz estudo mundial que aponta o brasileiro no topo do *ranking* das populações que mais transam (CARVALHO, 2006). Se esta conduta sexual dos *brothers*, de fato, fosse natural o futuro populacional do Brasil estaria ameaçado. Como diz Frankfurt (2007), toda sociedade deve ter um mínimo de apreço pela utilidade infundavelmente multiforme da verdade. Contudo, este recato não corresponde à verdade, até porque são pessoas adultas, geralmente viajadas, e sob forte estímulo sexual do contexto.

Segundo Pontes (apud OLIVEIRA, 2006), há uma associação feita pelos portugueses - *certamente pelo estrangeiro em geral* (acréscimo e grifo nosso) - entre as mulheres brasileiras e o sexo. Nesta perspectiva,

os jogadores de futebol e sua malandragem junto às mulheres bonitas, espontâneas, exibidas e liberadas sexualmente formam o par estrutural a partir do qual são representados os brasileiros. Porém, as mulheres são representadas de maneira mais pejorativa, como prostitutas, uma vez que carregam o estigma do sexo e da malandragem (OLIVEIRA, 2006, p.18).

Em relação à mulher, apesar do excesso que forma o lastro no qual empiricamente sedimenta o estereótipo, este se deve ao grande número de brasileiras que sobrevivem da prostituição na Europa, em particular na Espanha e na Suíça. Todavia, o estrangeiro que assistir ao *Big Brother* Brasil, vai ficar confuso, o país da sensualidade, dos requebros, cujas mulheres são usadas como chamariz para atraí-los, são travadas? Possivelmente os gringos não vão mais querer enfrentar a violência, perigo de assalto, a não ser que se contentem com duas pernas do tripé: droga e *rock and roll*. As próprias famílias devem estranhar porque sabem que suas filhas não são “santas”, a não ser que tenham compactuado com a hipócrita construção da sua imagem casta.

Como destaca Bourdieu (1997), com bons sentimentos faz-se índice de audiência. A moral dos moradores platinados se confunde e/ou está de acordo como a audiência. Se aceita seios revoltos saltando dos sutiãs; displicência de biquínis, *shorts* ou sungas mostrando um pouco mais do que seus “cofrinhos”, mas namorar!? Somente similar ao pudico ano 60. Segundo Touraine (2007), a televisão de hoje nos mostra a realidade nua e crua: corpo que sangra, armas que disparam, o amor que se faz. Os dois primeiros itens é o trivial da paisagem urbana brasileira, mas o terceiro? No *Big Brother* Brasil, nem debaixo dos edredons. Para Lukacs (2005, p.204), “a hipocrisia talvez seja o vício espiritual preponderante das civilizações maduras”. Diria que das

sociedades hipócritas e amorais. Por que a reputação de uma *sister* ficaria comprometida por causa de sua transa com o *brother* com o qual está envolvida?

Neste país de duas ou mais caras, por falta de permissividade não é, o apresentador do programa, nas suas “aparições” na “casa”, não deixa de estimular: “Façam alguma ‘coisa’, ‘agitem!!!”, até insiste em lembrar que têm “camisinhas” na dispensa. Entretanto, ninguém avisou para o apresentador e companhia que *brothers* brasileiros, iguais aos anjos, não têm sexo. Quem sabe daqui a dez anos quando o programa atingir a maioridade? Ou telespectador acredita que veio ao mundo apenas por obra e graça do divino espírito santo, anunciado por algum anjo de plantão!? O valor da pessoa não está na sua prática sexual. É paradoxal que o homem tido como pós-moderno não lide com a sexualidade de modo natural, sem culpa, o que não significa vivenciá-la na vulgaridade ou promiscuidade.

### **O Espetáculo não Consegue Tamponar a Dura e Crua Realidade**

Programas como o *Big Brother*, segundo Bauman (2004, p.110), insistem “em afirmar que este é um mundo duro, feito para pessoas duras: um mundo de indivíduos relegados a se basearem unicamente em seus próprios ardis, tentando ultrapassar e superar uns aos outros”. Mas esta prática, sem remorso, infelizmente é mais comum e ativa no cotidiano da maioria das instituições, porém nem sempre visível. Talvez, diferente de outros telespectadores, o caráter superficial e oscilante do brasileiro, não tolere sobrecarga de realismo, ele quer ver no vídeo ficção, o *Big Brother* como um quadro de humor ou cópia de novela. Prova disto é que nenhum *brother* que se mostre competitivo, sem escrúpulo, etc., como é, de fato, boa parte dos sujeitos na vida real, tem o colhimento da audiência.

Nos primeiros destes circos eletrônicos sem palhaço - para ser palhaço não é apenas se caracterizar - o prêmio era menor e os “guerreiros” eram mais competitivos e agressivos, hoje o prêmio engordou e eles procuram ser mais estratégicos. Aprenderam que a autenticidade, ou seja, que a verdade consigo mesmo que se baseia na ausência de contradição (HESSEN, 2003), no *Big Brother* não funciona. Para Frankfurt (2007, p.43), “precisamos da verdade não só para entender como viver bem, mas para saber como sobreviver”, esta sinceridade não tem guarida nesse picadeiro de operações, no qual o autêntico não se garante, logo é colocado no Paredão e o público “fuzila”.

Enfim, parece que o brasileiro não aceita *show* comprometido em respaldar ou reprisar a sua realidade, ou seja, ele quer diversão pura, fantasia, inconsciência para fugir das suas verdades. Nesse sentido, Suely Rolnik, de modo perspicaz, descreve:



O enredo das mais prestigiadas das telenovelas, que acontece todos os dias às oito da noite na Globo, é uma cartografia bastante fiel dos movimentos políticos, econômicos, sociais, comportamentais que convulsionam o cotidiano da vida coletiva, mas para reinjetar uma promessa de transcendência apaziguadora. É como se todos passassem o dia desesperando-se com as turbulências para acalmar-se à noite, quando a novela coloca em cena estas experiências desestabilizadoras, porém anestesiando o desconforto, domesticando o estranhamento, apagando seu fogo problematizador, fazendo com que tudo pareça voltar ao mesmo (ROLNIK, 2001, pp.21-2).

### **O Fetiche da Imagem Televisiva e a Família sob os Holofotes**

A televisão, este aparelho eletro-eletrônico não é apenas uma janela para o quintal de casa, mas para o mundo, por meio da qual se têm *feedbacks*. O problema é que subestima a capacidade do telespectador oferecendo-lhe o que há de mais rasteiro. Os “intelectuais” não assistem o *Big Brother*, simplesmente o consideram fútil, e preferem jogá-lo no lixo. No entanto, o futebol é fútil, que de objetivo não acrescenta nada, mas é a paixão nacional, e todos aceitam. Mas por que o *Big Brother* sobrevive? Qual o seu fetiche<sup>3</sup>? Antes de qualquer fixação por corpos malhados, desejo de monitorar ou vasculhar a intimidade alheia, tem a sedução da imagem da Globo que, embora nem sempre corresponda à qualidade do conteúdo, não tem como negar o seu nível técnico de primeiro mundo.

Tem um outro aspecto que parece servir de âncora que é esse seu lado conservador de resgatar a família, trazê-la para os holofotes, e assim lembrar da sua importância. Com base em Lasch (1991), é possível afirmar que a família deixou de ser o refúgio num mundo sem coração, e que a mesma vem lentamente se desintegrando há mais de cem anos. Neste sentido, Roudinesco (2003), diz que à família autoritária de outrora sucedeu a mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas e de lembranças recalçadas. As turras ou não, e com a família que é possível, de fato, contar. Não apareceu ainda nenhum *brother* sem família. Não deixa de ser comovente as homenagens explícitas ou indiretas a essa surrada instituição, em especial, aos pais. Devido a atual fragmentação da existência, desemprego, luta pela sobrevivência, etc., já não é tão fácil reunir a família em torno da mesa, e dividir anseios, decepções e conquistas. Assim, a bela e confortável “casa” BBB encarna o sonho de consumo da maioria dos brasileiros, e ainda suscita o arquétipo do núcleo familiar que a comunidade dos *brothers* representa. A dinâmica de pais e filhos que brigam, amam, rejeitam, etc., mas também fazem as refeições juntos e as compartilham, estes rituais cada vez mais raros hoje em dia.

Votar pela saída de um participante indesejado ou insuportável, é se sentir membro da “família” *Big Brother*, o que se faria na sua vida se, de fato, tivesse esse poder e liberdade, bem como de se aconchegar e se apoiar naqueles que simpatizam. Nesta interatividade, com exceção do gozo sexual que é “interditado”, o telespectador se identifica e projeta suas vontades e necessidades, “vivencia” as alegrias, as dores e os prazeres de tudo que se passa no interior desse palco iluminado. Pelo exposto, o público, certamente, tem seus ganhos subjetivos e, dependendo do ângulo de visão, o programa *Big Brother* também pode servir para algumas reflexões, isto porque, de alguma maneira, reflete muitas das características da sua gente.

### **Considerações Finais**

Dos representantes das minorias oprimidas que foram hospedes da “casa”, já saíram vencedores: pobre, mulher e homossexual. Espera-se um milionário negro, mas que não siga o exemplo da ex-ministra Matilde Ribeiro, o dinheiro gasto por ela e outros, era do contribuinte. O vencedor do *Big Brother* não terá “cartão corporativo” (banana para macaco), se não tiver cuidado, em breve voltará a ser pobre. Numa afirmativa estranha para um cientista, Maturana (2006, p.122) diz que “a hipocrisia nos salva em muitas circunstâncias”. Mas parece que neste jogo, bem como na vida em geral, independente do ganhador, a Hipocrisia, sorrateiramente, tem sido uma constante Vencedora.

### **Notas:**

1. Em entrevista à revista *Época*, mar, 2002.
2. O termo *falação* é também empregado, num uso muito mais disseminado e familiar, como um equivalente pouco menos vulgar de *falar merda* (FRANKFURT, 2005, p. 44 – grifos do autor).
3. A palavra “fetiche” é usada em português por influência da palavra francesa *fétiche* que significa feitiço (DUARTE, 2004, p.1 - grifos do autor). Ou seja, adoração de um objeto feito pelo homem ou pela natureza (Idem, ibidem).

## REFERENCIAL

BAUMAN, Z. (2000). Em busca da política. Trad. M. Penchel. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUMAN, Z. (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUMAN, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUMAN, Z. (2007). Vida líquida. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

BOURDIEU, P. (1996). As regras da arte. Trad. M. L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, P. (1997). Sobre a televisão. Trad. M. L. Machado. Rio de Janeiro: Zahar.

CARVALHO, A. (2006). Felizes no sexo (Comportamento). Revista Istoé, n. 1909, 24 mai.

DUARTE, N. (Org.). (2004). Crítica ao fetichismo da individualidade. Campinas-SP: Autores Associados.

FRANÇA, M. S. J. (2001). Beijos em todas as bocas. Revista Galileu. São Paulo, mar.

FRANKFURT, H. G. (2005). Sobre falar merda. Trad. R. G. Quitana. Rio de Janeiro: Intrínseca.

FRANKFURT, H. G. (2007). Sobre a verdade. Trad. D. Bottmann. São Paulo: C. das Letras.

HESSEN, J. (2003). Teoria do conhecimento. Trad. J. V. G. Cuter. São Paulo: Martins Fontes.

LASCH, C. (1991). Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Trad. I. Tronca e L. Szmrecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LIPOVETSKY, G. (2005). A era do vazio: ensaio sobre o indivíduo contemporâneo. Trad. T. M. Deustsch. Barueri-SP: Manole.

LUKACS, J. (2005). O fim de um era. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

MATURANA, H. (2006). Cognição, ciência e vida cotidiana. Trad. C. Magro. Belo Horizonte: UFMG.

OLIVEIRA, M. (2006). Os estereótipos femininos da brasilidade. Revista Continente. Ano VI, nº 70, out.

ROLNIK, S. (2001). Subjetividade Antropofágica. MACHADO, L. D; M. C. C. LAVRADOR; M. E. B. BARROS (Orgs). In. *Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo: “casa” do Psicólogo.

RORTY, R. (2007). Contingência, ironia e solidariedade. Trad. V. Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.

ROUDINESCO, E. (2003). A família em desordem. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar.

TOURAINÉ, A. (2007). O mundo das mulheres. Trad. F. Morás. Rio de Janeiro: Vozes.